

Aula 11 – Gênero, Feminismo e a Prática da Tradução

Imagine que você está diante de um texto do século XIX, escrito por uma mulher, descrevendo suas ambições e frustrações. As palavras no papel parecem diretas, mas você sabe que, para ser publicada, ela provavelmente teve que suavizar suas opiniões, esconder sua raiva sob uma camada de polidez. Sua tarefa como tradutor(a) é levar esse texto para o português de 2025. Você simplesmente traduz as palavras que lê ou tenta resgatar a força que foi contida nas entrelinhas? Essa decisão não é apenas técnica; ela é ética, política e profundamente ligada ao tema da nossa aula.

Bem-vindo(a) a uma das áreas mais dinâmicas e importantes dos Estudos da Tradução. Nesta aula, vamos explorar como as questões de gênero moldam a arte de traduzir. Ao final destes 75 minutos, você não apenas entenderá como o gênero impacta a tradução, mas será capaz de identificar armadilhas sexistas em textos, aplicar estratégias de tradução feminista e enxergar seu papel como um(a) profissional capaz de promover mudanças. Esta habilidade é um diferencial incrível, seja na tradução de um romance, na localização de um software ou como um critério de desempate em uma avaliação de títulos de concurso público.

Nossa conversa começará investigando as metáforas problemáticas que assombraram a teoria da tradução por séculos. Em seguida, mergulharemos nas estratégias práticas que tradutoras feministas desenvolveram para intervir nos textos de forma consciente e justificada. Analisaremos um estudo de caso famoso para ver essa teoria em ação e, por fim, refletiremos sobre o poder e a responsabilidade que temos em nossas mãos. Prepare-se para ver a tradução não mais como um ato neutro, mas como um campo de ação.

As "Belas Infiéis": Quando a Tradução Reforça Estereótipos

Pense na restauração de uma pintura antiga. O restaurador pode ter duas abordagens: uma é "limpar" a obra para que ela fique mais agradável aos olhos do público moderno, talvez até corrigindo o que hoje parece um "defeito". A outra é preservar cada traço original, mesmo as imperfeições, para ser fiel à história da obra. Por muito tempo, a tradução pendeu para a primeira opção, especialmente quando a "beleza" do texto final era o objetivo principal. E foi nesse contexto que uma das metáforas mais persistentes e problemáticas da nossa área nasceu.

A Metáfora Problemática

No século XVII, na França, o intelectual Gilles Ménage cunhou a expressão *les belles infidèles* – as belas infiéis.

O Significado

Traduções elogiadas por sua elegância na língua de chegada (belas), mas que se distanciavam bastante do texto original (infiéis).

A Analogia Sexista

As traduções, assim como as mulheres, só podiam ser uma de duas coisas: se fossem fiéis, seriam feias. Se fossem belas, seriam infiéis.

Essa não era apenas uma frase espirituosa. Ela revelava uma visão de mundo profundamente sexista e hierárquica. O texto original era implícita e consistentemente tratado como o masculino: a autoridade, a origem, o pai. A tradução era o feminino: derivada, secundária e julgada por sua fidelidade ou sua beleza. Essa metáfora, e a mentalidade que ela representava, justificou por séculos a prática de tradutores (em sua maioria homens) de "domesticar" ou "corrigir" textos, especialmente aqueles escritos por mulheres, para que se encaixassem nas normas culturais e de gênero da sociedade que os recebia.

Desvendando o Patriarcado na Linguagem



A metáfora das "belas infiéis" não era um caso isolado. Era um sintoma de um problema muito maior, algo que estava impregnado na própria forma como se falava sobre o ato de traduzir. Imagine que você precisa navegar por uma cidade usando um mapa desenhado séculos atrás pelos primeiros colonizadores.

O mapa mostra as ruas e os rios, mas também reflete a perspectiva de quem o criou: os nomes das ruas homenageiam seus próprios heróis, territórios indígenas são ignorados ou diminuídos, e a geografia é distorcida para servir a seus interesses. Você pode até chegar ao seu destino, mas sua compreensão da cidade será incompleta e enviesada.

A Virada Crítica dos Anos 1980

Teóricas feministas como a canadense **Barbara Godard** e a americana **Lori Chamberlain** começaram a argumentar que as teorias de tradução tradicionais nos entregavam um mapa semelhante.

Elas analisaram a linguagem usada para descrever a tradução ao longo da história e encontraram um padrão perturbador. Termos como "penetrar", "conquistar" o sentido do original ou a busca por uma "fidelidade" submissa criavam uma narrativa de dominação masculina sobre um original feminino.

Essa crítica feminista não buscava apenas apontar o sexismo, mas mostrar suas consequências práticas. Se a própria linguagem da teoria já estabelece uma relação de poder desigual, como a prática da tradução poderia ser neutra?

Essa tomada de consciência foi fundamental. Ela abriu caminho para uma nova pergunta, muito mais poderosa: se a tradução pode reforçar o patriarcado, ela também pode ser usada para desafiá-lo? A resposta a essa pergunta mudaria o rumo da nossa disciplina.

Traduzir como Ato Político: Ferramentas de Intervenção

Após identificar o problema e sua profundidade, a reação imediata poderia ser: "Ok, então preciso apenas estar ciente desse viés ao traduzir". Mas para as tradutoras e teóricas feministas, a consciência era apenas o ponto de partida. Se a tradução tradicional, com sua pretensa neutralidade, acabava por perpetuar visões de mundo patriarcais, então uma tradução engajada precisaria agir deliberadamente na direção oposta. Isso não significava distorcer os textos, mas sim desenvolver métodos para tornar visíveis as vozes e perspectivas que foram historicamente silenciadas.



Hijacking (Sequestro)

Apropriação consciente do texto para destacar seu potencial feminista latente ou expor seu viés machista de forma crítica. É um ato de ler "a contrapelo".



Supplementing (Complementação)

Adicionar elementos ao texto traduzido para contextualizar a obra e a autora, tornando o trabalho da tradutora e suas decisões visíveis.



Metatextos

Prefácios, notas de rodapé e posfácios que funcionam como um guia, explicando escolhas de palavras e contexto social.

Assim, nasceram as **estratégias de tradução feminista**. Elas funcionam como um kit de ferramentas para uma intervenção consciente e ética no texto. Uma das estratégias centrais é a que a teórica canadense Susanne de Lotbinière-Harwood chamou de ***hijacking*** (que podemos traduzir como "sequestro" ou "apropriação"). A ideia não é roubar o sentido do original, mas sim "sequestrar" o texto para destacar seu potencial feminista latente ou para expor seu viés machista de forma crítica. É um ato de ler "a contrapelo", de encontrar as fissuras no discurso dominante.

Outra estratégia fundamental é a de ***supplementing*** (complementação). Isso envolve adicionar elementos ao texto traduzido para contextualizar a obra e a autora, tornando o trabalho da tradutora e suas decisões visíveis. Em vez de se esconder atrás de uma falsa neutralidade, a tradutora usa prefácios, notas de rodapé e posfácios para conversar com o leitor. Esses textos, chamados de **metatextos**, funcionam como um guia, explicando por que uma determinada escolha de palavra foi feita, qual era o contexto social da autora ou como a tradução busca reparar um silenciamento histórico.

Da Teoria à Prática: A Intervenção em Ação

Vamos tornar essas estratégias mais concretas. Imagine que você está traduzindo uma entrevista com uma executiva de sucesso. Em um trecho, o texto original diz: *"She handled the negotiation with a surprising amount of forcefulness."* (Ela conduziu a negociação com uma surpreendente quantidade de firmeza). Uma tradução literal e "neutra" poderia ser: "Ela conduziu a negociação com uma surpreendente firmeza". A tradução é correta, mas a palavra "surpreendente" pode carregar um viés implícito: por que é surpreendente que uma mulher seja firme?



Texto Original

"She handled the negotiation with a surprising amount of forcefulness."



Análise Crítica

Por que "surpreendente"? Isso sugere que firmeza em mulheres é uma anomalia.



Intervenção Feminista

"Sua firmeza na negociação foi notável." — Remove o viés implícito.

Aqui, uma tradutora com uma perspectiva feminista poderia aplicar uma forma sutil de **hijacking**. Em vez de simplesmente replicar o viés, ela poderia intervir. Uma opção seria traduzir como: "Sua firmeza na negociação foi notável". A palavra "notável" cumpre a função de "surpreendente", mas retira a conotação de que firmeza em uma mulher é uma anomalia. Essa tradutora não está inventando algo novo; ela está fazendo uma escolha interpretativa para neutralizar um viés presente no texto de partida, tornando sua tradução um ato de resistência contra estereótipos sutis.

Pense nessa intervenção como o trabalho de um engenheiro de som que está remixando uma música antiga. A melodia e a letra são as mesmas, mas ele pode decidir aumentar o volume de um instrumento que estava quase inaudível na mixagem original ou destacar uma segunda voz que estava ofuscada.

O objetivo não é criar uma música nova, mas revelar a riqueza e a complexidade que já estavam lá, mas que não recebiam a devida atenção. A tradução feminista "remixa" o texto para que vozes e significados sub-representados possam ser finalmente ouvidos.

O Tradutor como Agente de Transformação

A Imagem Tradicional

Por muito tempo, a imagem mais comum para o tradutor era a de uma "ponte": uma estrutura neutra, funcional e, idealmente, invisível, que existe apenas para permitir que o leitor passe de uma cultura para outra.

A Nova Perspectiva

E se essa ponte tiver sido construída com um leve declive, favorecendo o tráfego em uma direção? E se o material usado para construí-la não for tão neutro quanto parece?

Contudo, a crítica feminista nos convida a questionar essa imagem. O que acontece se o tradutor decidir ser não apenas a ponte, mas o arquiteto que projeta e assume a responsabilidade por sua estrutura?

Visibilidade do Tradutor

Esse questionamento se conecta diretamente com a discussão sobre a **visibilidade do tradutor**, um debate intensificado por teóricos como Lawrence Venuti. As tradutoras feministas abraçaram essa ideia com força.

Elas argumentam que a tentativa de ser "invisível" é, em si, um ato político que geralmente serve para manter as estruturas de poder existentes. Ao fingir que é um mero canal, o tradutor esconde suas escolhas, sua ideologia e o fato de que toda tradução é uma interpretação. Assumir a visibilidade, por outro lado, é um ato de honestidade intelectual e de responsabilidade.

01

Usar linguagem inclusiva

Em manuais técnicos e documentos corporativos

02

Preservar a intensidade emocional

Não suavizar a raiva de uma poeta marginalizada

03

Resgatar vozes esquecidas

Dedicar tempo a traduzir obras de escritoras apagadas pela história

É aqui que o tradutor se transforma em um **agente de transformação social e política**. Quando um profissional escolhe usar linguagem inclusiva em um manual técnico, quando decide não suavizar a raiva de uma poeta marginalizada, ou quando dedica seu tempo a resgatar e traduzir a obra de uma escritora esquecida pela história, ele ou ela não está apenas transferindo palavras. Está ativamente participando da construção de uma cultura mais equitativa, moldando a percepção dos leitores e ampliando o repertório de vozes que compõem nosso mundo. No mercado de 2025, essa consciência não é apenas um ideal, mas uma competência profissional de alto valor.

Mapas Diferentes para o Mesmo Território

Até agora, em nosso curso, exploramos diversas teorias que oferecem "mapas" para o território da tradução. Vimos abordagens focadas na equivalência, que buscam uma correspondência precisa com o original, e a Teoria do Escopo (*Skopos*), que defende que a finalidade da tradução é o fator que deve guiar todas as decisões. Como a abordagem feminista se encaixa nesse panorama? A melhor forma de entender não é pensar em qual mapa é o "correto", mas sim perceber que eles foram desenhados com propósitos diferentes.

A Floresta como Metáfora

Vamos usar uma analogia. Imagine que o texto a ser traduzido é uma floresta. Um tradutor guiado pela **equivalência formal** tentaria descrever cada árvore, cada folha, com a máxima precisão botânica, recriando a estrutura da floresta o mais literalmente possível. Já um tradutor focado na **equivalência dinâmica** se preocuparia menos com cada árvore e mais com a sensação que a floresta causa: o frescor, o som dos pássaros, o mistério. Ele buscaria recriar essa experiência para o leitor. O praticante da **Teoria do Escopo** primeiro perguntaria: "Para que é este mapa da floresta? É para um turista, um biólogo ou um lenhador?". A finalidade definiria o que seria destacado.

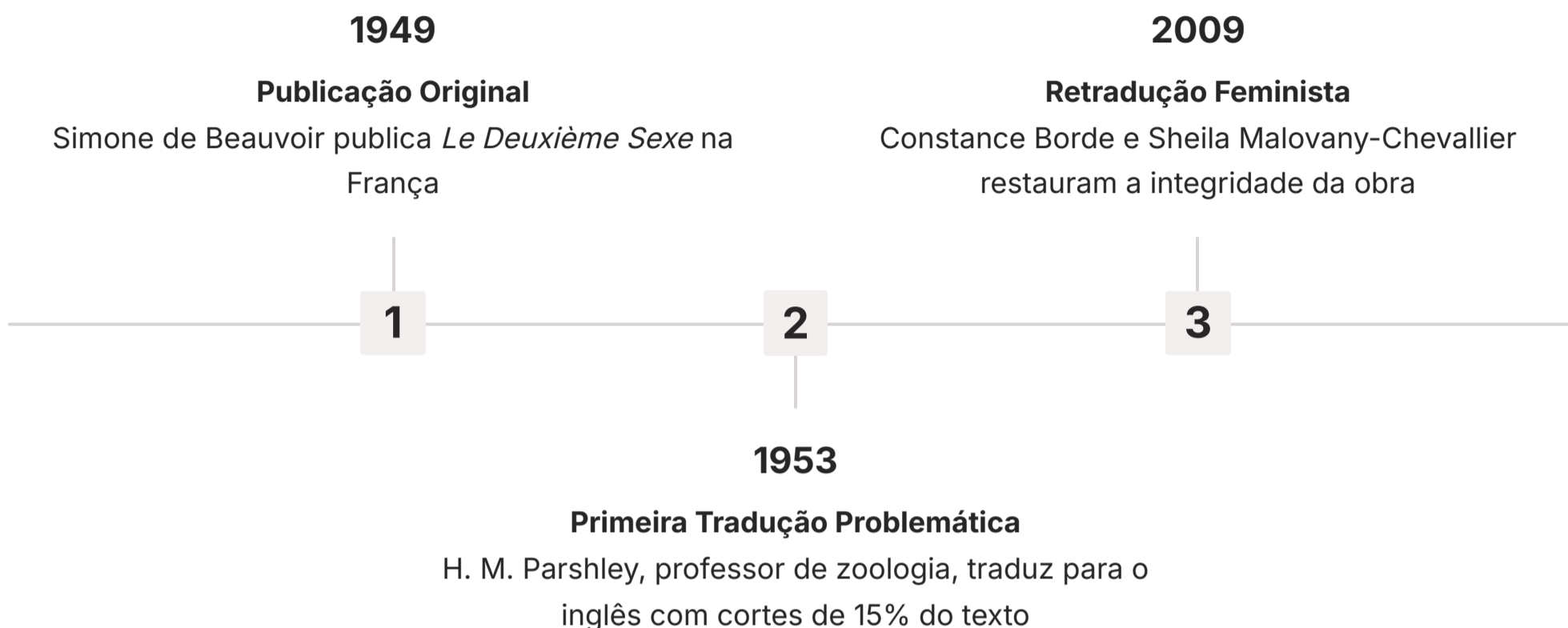
A tradutora feminista também olharia para essa mesma floresta, mas com um conjunto diferente de perguntas. Ela questionaria: "Quais espécies de árvores são dominantes e por quê? Quais plantas menores não conseguem luz solar por causa das árvores maiores? Existem trilhas antigas, feitas por povos originários, que foram apagadas pelos caminhos mais novos? Como posso desenhar meu mapa para revelar tanto as árvores altas quanto as plantas rasteiras, mostrando a ecologia completa do lugar?". Ela não ignora a forma, o efeito ou a finalidade, mas adiciona uma camada essencial de análise crítica sobre poder, visibilidade e representação.

Comparação de Abordagens

Abordagem	Foco Principal	Papel do Tradutor	Exemplo de Objetivo
Equivalência Formal	Fidelidade à forma e conteúdo do original	Ponte "invisível"	Reproduzir a estrutura da frase original
Equivalência Dinâmica	Recriar o efeito do texto original	Mediador cultural	Fazer o leitor sentir o mesmo que o leitor original
Teoria do Escopo	Finalidade (Skopos) da tradução	Especialista em comunicação	Adaptar o texto para uma campanha de marketing
Tradução Feminista	Desvendar e desafiar o viés de gênero	Agente político e visível	Dar agência a personagens femininas sub-representadas

Estudo de Caso: A Retradução de Simone de Beauvoir

A teoria ganha vida quando a vemos em ação. Talvez o exemplo mais emblemático do poder e da necessidade da tradução com perspectiva de gênero seja o caso de *Le Deuxième Sexe (O Segundo Sexo)*, a obra monumental de Simone de Beauvoir, publicada em 1949. Este livro é um dos pilares do feminismo moderno, mas por mais de meio século, o mundo de língua inglesa conheceu uma versão dele que era, para ser direto, uma sombra do original.



O Problema da Primeira Tradução

- Tradutor sem formação em filosofia
- Não compreendia o existencialismo de Beauvoir
- Cortou 15% do texto original
- Removeu exemplos históricos e discussões filosóficas
- Cometeu erros conceituais graves
- Diluiu a força política e precisão teórica

A Solução Feminista de 2009

- Projeto explicitamente feminista
- Restaurou a integridade filosófica
- Reintroduziu todas as partes cortadas
- Corrigiu erros terminológicos
- Manteve complexidade e tom assertivo
- Resultado: obra mais radical e poderosa

Lição Fundamental: A tradução tem o poder não apenas de apresentar uma obra, mas também de silenciá-la. E, felizmente, o poder de fazê-la renascer.

A primeira tradução para o inglês foi feita em 1953 por H. M. Parshley, um professor de zoologia. Embora bem-intencionado, ele não tinha formação em filosofia e, segundo relatos, não compreendia profundamente o existencialismo que fundamentava o argumento de Beauvoir. O resultado foi problemático: ele cortou cerca de 15% do texto original, incluindo exemplos históricos e discussões filosóficas que ele considerou "chatas". Além disso, ele cometeu erros conceituais graves, diluindo a força política e a precisão teórica da autora. Por 57 anos, foi essa versão domesticada e mutilada que os leitores de inglês estudaram.

A solução veio apenas em 2009, com uma nova tradução, realizada por Constance Borde e Sheila Malovany-Chevallier. Este foi um projeto de tradução explicitamente feminista. O objetivo delas era restaurar a integridade filosófica e a voz autoral de Beauvoir. Elas reintroduziram todas as partes cortadas, corrigiram os erros terminológicos e fizeram um esforço consciente para manter a complexidade e o tom assertivo da escrita da autora. O resultado foi um livro que, para muitos, parecia uma obra completamente nova: mais radical, mais inteligente e muito mais poderosa. Este caso ensina uma lição inesquecível: a tradução tem o poder não apenas de apresentar uma obra, mas também de silenciá-la. E, felizmente, o poder de fazê-la renascer.

O Impacto Além da Literatura

É fácil associar a tradução feminista a grandes obras literárias ou filosóficas, mas seus princípios são talvez ainda mais urgentes e relevantes nas áreas comerciais e técnicas da tradução hoje. Vivemos em um mundo globalizado onde marcas, governos e organizações precisam se comunicar com públicos diversos. Um erro de tradução que reforce um estereótipo de gênero pode não apenas causar uma crise de imagem, mas também alienar consumidores e perpetuar a exclusão. A consciência de gênero tornou-se uma parte crucial da competência de um localizador.

A Metáfora do Alfaiate

Pense no processo de localizar um produto como se fosse o de adaptar um terno. Uma tradução simples e literal é como pegar um terno pronto na loja: pode até servir, mas os ombros podem ficar largos e a calça, curta. Uma boa localização é como um serviço de alfaiataria, que ajusta o terno perfeitamente às medidas e ao estilo do cliente. A perspectiva de gênero e inclusão é o alfaiate que vai além: ele garante que o corte do terno não restrinja os movimentos de quem o veste e que o design seja moderno e respeitoso, questionando se os "modelos padrão" ainda fazem sentido.

Aplicações Práticas em 2025



Videogames

Como traduzir para o português, uma língua com gênero gramatical forte, os diálogos de um personagem que se identifica como não-binário no original em inglês? Isso exige criatividade, pesquisa e, muitas vezes, o uso de neolinguagem como o sistema elu/delu, uma decisão que é tanto linguística quanto política.



Marketing

Um slogan como "Feito para o homem moderno" exclui metade da população. Um tradutor-consultor pode identificar esse problema e sugerir alternativas como "Feito para a vida moderna", tornando a campanha mais inclusiva e eficaz.



Documentos Legais e Médicos

A escolha entre "o requerente" ou "a parte requerente", ou o uso de "a/o paciente", tem implicações reais no acesso a direitos e serviços, garantindo que todas as pessoas se sintam representadas e respeitadas.

Navegando a Complexidade: Nem Toda Intervenção é Igual

A abordagem feminista da tradução é uma ferramenta poderosa, mas, como toda ferramenta poderosa, exige habilidade e discernimento. Não se trata de uma fórmula mágica a ser aplicada de forma indiscriminada. Pelo contrário, ela nos lança em um território de complexidade ética. Onde termina a intervenção justificável e começa a reescrita indevida? Como podemos honrar a voz de uma autora do passado sem impor anacronicamente a nossa própria ideologia sobre a dela?

Não Existe Resposta Única

Dentro do próprio campo, há debates intensos. Algumas teóricas defendem intervenções mais radicais e visíveis, enquanto outras preferem estratégias mais sutis.

O Consenso: Transparência

A importância da **transparência e da justificativa**. Uma intervenção feminista não é um capricho; é uma decisão crítica, baseada em pesquisa, análise e um claro objetivo ético.

Articular e Defender

O mais importante é que a tradutora seja capaz de articular e defender suas escolhas de forma fundamentada e ética.

Tendências para 2025

1. Interseccionalidade

A discussão está se movendo para além de uma visão monolítica de "gênero" para explorar como ele se cruza com:

- Raça
- Classe social
- Orientação sexual
- Deficiência

2. Tecnologia e IA

Como podemos projetar e treinar ferramentas de Tradução Automática Neural (NMT) para que não reproduzam os vieses de gênero presentes nos bilhões de textos com que são alimentadas?

A resposta: Pós-edição crítica (PEMT), onde tradutores humanos, com essa consciência, são essenciais para corrigir e refinar o resultado da máquina.

Este é um campo de atuação novo e fundamental para o tradutor do futuro.

Assumindo a Autoria: Responsabilidade e Ética

Chegamos a um ponto crucial da nossa conversa. Se concordamos que a "invisibilidade" do tradutor é um mito e que toda tradução envolve interpretação e escolha, então precisamos aceitar a consequência lógica: o tradutor é, em parte, um autor. Ele ou ela não cria a obra do zero, mas co-cria a versão dessa obra que existirá em uma nova língua e cultura. Assumir essa autoria parcial não é um ato de arrogância, mas de responsabilidade.

A Metáfora do Curador

Pense em um curador de museu que organiza uma exposição. Ele não pintou os quadros, mas suas escolhas – quais obras exibir, em que ordem, com que iluminação e com que texto de apoio – criam uma narrativa e moldam completamente a experiência do visitante. O curador é invisível no sentido de que não é o artista, mas sua presença e suas decisões são sentidas em toda parte. Um tradutor visível e ético atua de forma semelhante. Ele assume a responsabilidade pela narrativa que sua tradução constrói.

Práticas Profissionais Concretas



Pesquisar Profundamente

Não apenas o texto, mas seu autor e seu contexto histórico e cultural.



Dialogar com Clientes

Explicar sua abordagem e o porquê de suas escolhas de linguagem inclusiva.



Compromisso Ético

Usar seu poder de intervenção para ampliar vozes e promover compreensão, não para impor agenda pessoal.

Na sua vida profissional, essa postura se traduz em práticas muito concretas. Significa pesquisar a fundo não apenas o texto, mas seu autor e seu contexto. Significa dialogar com seus clientes e editores sobre sua abordagem, explicando o porquê de suas escolhas de linguagem inclusiva, por exemplo. Significa, acima de tudo, ter um compromisso ético de usar seu poder de intervenção para ampliar vozes e promover a compreensão, e não para impor uma agenda pessoal de forma arbitrária. Em um mercado de trabalho cada vez mais automatizado, essa capacidade de reflexão crítica e posicionamento ético é o que define um profissional de excelência.

Tecendo os Fios: O Que Levamos Desta Conversa

Nossa jornada nesta aula começou com uma pergunta aparentemente simples: o gênero importa na tradução? Agora, a resposta é clara. Vimos que ele não apenas importa, mas está entrelaçado na história, na teoria e na prática da nossa profissão. Desmascaramos a falsa inocência de metáforas como *les belles infidèles* e compreendemos como elas validaram práticas que muitas vezes silenciaram ou distorceram as vozes das mulheres. Em vez de ficarmos apenas na crítica, avançamos para a ação.

Identificamos o Problema Metáforas sexistas e linguagem patriarcal na teoria da tradução	Aprendemos Estratégias Hijacking, supplementing e metatextos como ferramentas de intervenção
Vimos a Prática O caso de Simone de Beauvoir demonstrou o impacto real	Assumimos Responsabilidade O tradutor como agente visível e ético de transformação

Exploramos as estratégias de intervenção feminista, como o *hijacking* e o *supplementing*, não como atos de traição ao original, mas como uma busca por uma fidelidade mais profunda: a fidelidade à justiça, à representação e à complexidade. O estudo de caso de Simone de Beauvoir nos mostrou o impacto real e devastador de uma tradução cega ao gênero e o poder redentor de uma retradução consciente. Por fim, entendemos que o tradutor nunca é uma ponte invisível, mas sim um arquiteto visível e responsável, um agente cultural cujas escolhas ajudam a construir a realidade em que vivemos.

Em Prática

Questione as Traduções

Ao ler uma tradução, especialmente de um clássico, questione: a voz do autor(a) parece autêntica? Procure por um prefácio ou notas da pessoa que traduziu.

Desconfie do "Neutro"

Em seu próprio trabalho, sempre desconfie do "neutro". Investigue se termos genéricos no seu idioma de trabalho carregam, na prática, um viés masculino, e busque ativamente por alternativas mais inclusivas.

Reconheça seu Impacto

Lembre-se de que seu trabalho é parte de um diálogo cultural mais amplo; cada escolha terminológica tem um pequeno, mas real, impacto social.

Justifique suas Escolhas

Esteja sempre pronto para justificar suas escolhas. Uma tradução consciente não é apenas sentida, ela é argumentada e defensável.

Próxima Aula

Isso nos leva a uma ponte para nosso próximo encontro. Nesta aula, focamos na consciência humana como a principal ferramenta de análise e transformação textual. Mas o que acontece quando a "consciência" por trás da tradução é artificial? Na **Aula 12 – A Revolução Tecnológica na Tradução**, vamos mergulhar no fascinante mundo das CAT Tools e da Tradução Automática Neural, explorando como a tecnologia está redefinindo as fronteiras, os desafios e as oportunidades da nossa profissão.

Teste seu Conhecimento e Aprofunde sua Jornada

Autoavaliação

A metáfora "*les belles infidèles*" é criticada pela teoria feminista da tradução principalmente por:

- 1
- A) Ser de origem francesa e, portanto, etnocêntrica.
 - B) Comparar traduções a mulheres, associando fidelidade à falta de beleza e infidelidade à atratividade, reforçando estereótipos de gênero.
 - C) Sugerir que todas as traduções são, por natureza, imperfeitas.
 - D) Ter sido criada no século XVII, não se aplicando mais ao mundo moderno.

(Estilo Banca - VUNESP) Um tradutor, ao verter para o português um romance inglês do século XIX escrito por uma mulher, decide adicionar um prefácio explicando o contexto de repressão feminina da época e as dificuldades que a autora enfrentou para ser publicada. Essa atitude se alinha mais diretamente com a estratégia feminista de:

- 2
- A) Hijacking (Sequestro).
 - B) Compensação.
 - C) Domesticação.
 - D) Supplementing (Complementação) através de um metatexto.

Qual dos seguintes cenários representa melhor a aplicação da virada cultural e feminista na prática profissional em 2025?

- 3
- A) Um tradutor que utiliza exclusivamente tradução automática para maximizar a produtividade, sem revisão crítica.
 - B) Um tradutor que se recusa a usar qualquer tecnologia, acreditando que apenas a tradução humana é válida.
 - C) Um tradutor que atua como consultor para uma empresa de games, adaptando diálogos de personagens não-binários para uma linguagem inclusiva no idioma de chegada.
 - D) Um tradutor que sempre prioriza a fidelidade literal à estrutura da frase do texto original, independentemente do público ou finalidade.

A principal diferença entre uma abordagem de Escopo (Skopos) e uma abordagem feminista reside no fato de que:

- 4
- A) A abordagem de Escopo ignora o público-alvo, enquanto a feminista foca nele.
 - B) A abordagem feminista se preocupa com a finalidade (Skopos), mas adiciona uma camada de análise de poder e ideologia de gênero a essa finalidade.
 - C) A abordagem de Escopo só se aplica a textos técnicos, enquanto a feminista só se aplica a textos literários.
 - D) A abordagem feminista rejeita a ideia de que uma tradução deva ter um propósito.

Gabarito: 1-B, 2-D, 3-C, 4-B

Questão Discursiva

Explique, com suas palavras, por que a "invisibilidade" do tradutor é considerada um problema pela crítica feminista e como um tradutor pode se tornar um "agente de transformação social" em sua prática diária.

Recursos Adicionais



Livro

Translation and Gender de Luise von Flotow – Para um aprofundamento acadêmico e histórico nos conceitos que discutimos.



Artigo

"The Metaphor of Translation" de Lori Chamberlain – Para entender o artigo seminal que dissecou as metáforas de gênero na teoria da tradução.



Vídeo/Palestra

Busque por palestras de Mona Baker sobre tradução e ativismo para conectar nossa aula a movimentos sociais mais amplos.

NOTA IMPORTANTE: As informações e teorias apresentadas nesta aula estão atualizadas até 2025. O campo dos Estudos da Tradução é dinâmico; consulte sempre publicações acadêmicas recentes para acompanhar a evolução do debate.